

A arte de superar a destruição e a truculência

Responsável pela coordenação da recuperação de mais de uma centena de objetos e peças no Supremo Tribunal Federal, Marcos Antônio de Faria relata o minucioso trabalho, do recolhimento dos cacos à reconstrução de mobiliário

EVANDRO ÉBOLI

Os ataques dos golpistas e a destruição perpetrada por vândalos contra obras de arte, telas, tapeçaria, esculturas e mobiliário nos prédios dos Três Poderes, no 8 de Janeiro, exigiram a entrada em cena de um profissional que trabalha em silêncio, de maneira metódica e delicada e com movimentos precisos. Um proceder que está na outra ponta, no extremo da brutalidade, ignorância e estupidez vistas na ação de apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro.

O restaurador Marcos Antônio de Faria, gerente de Preservação e Restauração do Supremo Tribunal Federal (STF), tem uma história para contar nesse episódio. Ficou sob a responsabilidade dele e de sua equipe a restauração de 116 itens, como 22 esculturas, entre bustos, estatuetas, crucifixo do plenário e a simbólica estátua *A Justiça*, do artista Alfredo Ceschiatti, em frente à sede do STF.

Dos mais destruídos, entre os prédios invadidos pela horda bolsonarista, o edifício do tribunal recebeu desses profissionais o atendimento à altura, e foi impresso um ritmo veloz de trabalho. A grande maioria do que foi vandalizado está recuperado.

O relato de Faria é naturalmente rico de detalhes, como requer sua missão e de seus colegas. "O primeiro momento foi de salvamento, de recolhimento de cacos. Fomos aos poucos fazendo o trabalho de restauração. Alguns deram mais trabalho, porque houve perda de material, sumiu parte do mobiliário", explica. "A gente não conseguiu juntar todas as partes. Uma mesa, que fica no Salão Nobre, exigiu um trabalho maior por isso."

Marcas

É de se imaginar a missão de uma equipe de profissionais que precisou restaurar o tempo de mármore de uma mesa, praticamente esfacelada.

"Surgiu a dúvida da recuperação ou da reconstrução. Devido a seu valor histórico seria adequada a restauração. Ficou com marcas, que dá para ver quando pega luz rasante. Dá para ver as emendas. Esteticamente, foi feito o melhor possível", conta o restaurador.

A exposição de objetos e peças — mesmo fragmentadas, pela metade, com defeito e

Arquivo pessoal



Faria com o quadro *Os Bandeirantes de Ontem e de Hoje*, do artista plástico Massanori Uragami: obra restaurada após o ataque ao Supremo



Estamos trabalhando em defesa da Constituição, do direito das pessoas de acessarem o patrimônio, não só do STF, mas dos outros também"

Marcos Antônio de Faria, gerente de Preservação e Restauração do STF

Arquivo pessoal



O restaurador com o busto de Rui Barbosa, danificado pelos golpistas: afundamento na testa permanecera

visivelmente descaracterizadas do original — é um ponto comum no STF, no Palácio do Planalto e no Congresso Nacional.

Expor a destruição é contar a história, na crença de que não se repita. Na Câmara, esses objetos detonados pelos golpistas

ganham a "função social de testemunhas".

O Supremo criou seus pontos de memória, onde as peças

danificadas são expostas, com seus fragmentos e os vestígios físicos dos ataques raivosos de um grupo de intolerantes

truculentos. Estão à mostra na maior área de circulação de pessoas. O Hall dos Bustos, dedicado a figuras da História do país, também foi alvo do vandalismo. Ali é um desses pontos de memória. O busto de Rui Barbosa foi exposto mesmo com um afundamento.

"Os pontos de memória não são para ficarmos remoendo, mas para servir de memória e para nos reerguer. Para a primeira sessão plenária do ano, em 2 de fevereiro, tivemos o prazo exíguo entre 15 e 20 dias, para fazer toda a restauração dos itens do mobiliário, os bustos, as próprias bases de mármore", diz. "Atendemos ao pedido da então presidente, Rosa Weber, de recuperação para a realização da sessão, que ela não abriu mão", acrescenta, em relação à ministra, que se aposentou no fim do ano passado.

Dedicação

Marcos Faria coordena uma equipe de seis restauradores. Preciso da dedicação e do talento de cada um. O time, ainda que enxuto, deu conta do recado.

"São acervos históricos, que vieram da antiga capital, o Rio de Janeiro. Muita coisa de artistas da época. Tivemos que trabalhar de forma muito rápida e com expertise e conhecimento de técnicas diversas", destaca o especialista.

A quebra-dela generalizada promovida pelos vândalos exigiu dos profissionais muito mais do que já fazem no dia a dia, de manutenção e restauração. Os objetos e peças foram destruídos, quebrados, esfacelados em milhares de pedaços, roubados.

"Por isso a importância desses pontos de memória, para trazer sempre e lembrar o que ocorreu. Estamos trabalhando em defesa da Constituição, do direito das pessoas de acessarem o patrimônio, não só do STF, mas dos outros também", enfatiza Marcos Faria. "São histórias que fazem parte da vida do país. Uma cadeira ali não é só uma cadeira. Tem sua representação. Pertence à sociedade."

Ele afirma ter a percepção de que o ocorrido naquele 8 de janeiro aflorou o interesse da sociedade pelo patrimônio histórico e cultural. "Porque também entenderam que isso tudo não é de ninguém em particular, não. É do povo. Está sob a responsabilidade do Senado, do STF e do Planalto, mas não pertence a esses Poderes", ressalta o especialista.

Objetos recuperados voltam à exposição

Para marcar um ano dos ataques do 8 de janeiro, a Câmara dos Deputados voltou a expor objetos e obras de arte, presentes dados aos presidentes da Casa, que tinham sido roubados ou depredados por extremistas.

Essas peças estão sendo tratadas, na exposição montada no Salão Verde, como "nova função social de testemunhas", além do valor cultural. Por essa razão, em algumas delas foram mantidas visíveis as marcas dos impactos em cada objeto.

É o caso do vaso apresentado

em 2008 pelo Partido Comunista Chinês ao então presidente Arlindo Chinaglia (PT-SP). O item está exposto em pedaços. "Foi decidido que o vaso será remontado, mas as lacunas, assim como as manchas, vão permanecer aparentes na peça", informa a Câmara.

Também voltou à exposição a bola de futebol presenteadada em 2012 pela delegação do Santos Futebol Clube, quando o jogador Neymar integrava o elenco. Foi furtada no 8 de janeiro e devolvida 20 dias depois pelo autor

do crime. O objetivo foi entregue à Polícia Militar em São Paulo. Não apresentava danos e necessitou apenas de higienização.

O governo do Catar presenteou Rodrigo Maia, então presidente da Câmara, com uma réplica em metal do monumento *The Pearl (A pérola)*, que existe naquele país. Até o momento, a peça, furtada, não foi encontrada. O pessoal do acervo decidiu expor, então, apenas o estojo do presente, "que encontramos íntegro, foi higienizado e teve a adesão de pequenas partes do

revestimento de couro".

A proposta de expor as peças mesmo danificadas partiu do pessoal de restauração e conservação da Câmara.

No Salão Negro do Congresso Nacional, onde ocorrerá a cerimônia de celebração da democracia, na próxima segunda-feira, foram instalados alguns dos itens alvo dos golpistas, como a tapeçaria de Burtle Marx e o exemplar da réplica da Constituição, furtada por um bolsonarista de Minas Gerais, que está preso. (EE)

Evandro Éboli/CCB/Agência



Entre os itens expostos na Câmara está uma bola assinada por Neymar